

AQUELES que se foram para sempre e deram seu esforço ao "Correio".
Correio Popular, Campinas, 05 set. 1967.

Aqueles que se foram para sempre e deram seu esforço ao "CORREIO"

4 de setembro de 1967: oito lustros de vida percorridos, 40 anos de trabalho e muitos em prol de um só objetivo, comum para todos, que é fazer o "Correio Popular" e mantê-lo, sempre, à altura de Campinas, a serviço da qual apareceu.

Uns, bem poucos, permanecem na estacada, esquecidos do tempo, mas mantendo viva e latente na lembrança a missão que lhes cabe cumprir. Outros ficaram pelo caminho, levados pela onda implacável da Parca impiedosa e justa, passando para mãos de outrem a tarefa a desempenhar, porém deixando o preito da Saudade nos corações daqueles incumbidos de prosseguir na árdua e dura empreitada.

A estes, que repousam sob a campina fria, depois de haverem dado esforço e dedicação ao jornal hoje em festa, dedicamos estas linhas, com o registro dos seus nomes, numa sentida homenagem póstuma às suas figuras e ao trabalho desenvolvido.

HOMENS DA DIREÇÃO

Vai o nosso pensamento, como alvo de tributo da saudosa admiração, primeiramente, a ALVARO RIBEIRO, fundador do "Correio Popular", que, naquele afastado ano de 1927, se dispôs a lançar em nossa cidade um órgão de imprensa moderno, a revolucionar o jornalismo do Interior do Estado, pois foi o primeiro a possuir linotipos e rotativa, serviços telegráficos, redação bem equipada, inclusive publicando, semanalmente, desde o seu 1.º número, uma página inteira dedicada à Agricultura.

Ao seu irmão, ANTONIO J. RIBEIRO JUNIOR, sem cuja contribuição a importante obra não teria sido levada adiante. Ao seu sobrinho, filho deste, ADHEMAR RIBEIRO, primeiro gerente da empresa recém-surgida, incumbido, portanto, de resolver nascentes dificuldades econômicas, tão proverbiais num cometimento a prevalecer.

A JOSÉ DE OLIVEIRA SANTOS, timoneiro de administração, que Alvaro Ribeiro foi buscar na "Gazeta de Campinas" como elemento imprescindível à gigantesca obra traçada, funcionando, de início, como eficiente colaborador de Ademar Ribeiro, para, posteriormente, substituí-lo na Gerência. Deve-lhe muito o "Correio Popular", o qual passou a ser parte integrante de sua existência, viveu com ele as campanhas empreendidas, chegando, por isso, em certa fase, a dirigir até à sua redação. Morreu como Diretor-Superintendente e transmitiu ao filho, Hermas de Oliveira Santos, atual gerente, a responsabilidade do seu papel.

A JOAQUIM DE SOUZA RIBEIRO, um dos diretores da Sociedade Anônima, forma evoluiu, economicamente, pelo "Correio" como uma necessidade das contingências do seu notável e constante crescimento. Foi seu Diretor-Tesoureiro e jamais afastou a sua atenção das lides jornalísticas contribuindo com labores literários, poéticos e filosóficos, a denotarem, também, o pendô vivído pela imprensa, de cujo seio se sentia como um dos seus integrantes apaixonados.

A HILTON PACHECO RIBEIRO, filho do dr. Souza Ribeiro, jornalista de tarimba, que se afastou, após muitos

anos, das "Folhas" de São Paulo para assumir as rédeas da redação do jornal a que se achava ligado o seu genitor. Não foi longo o tempo que o tivemos em nosso meio, todavia, o bastante para conhecê-lo como profissional competente e idealista, fiel às linhas delineadas por atenciosos.

A AZAEL ALVARES LOBO, que, na função de Diretor-Secretário do "Correio Popular Sociedade Anônima", durante várias gestões, representou um dos esteios da empresa, dando-lhe, também, o maior dos seus esforços e da sua dedicação.

A ARISTIDES LEMOS, redator-chefe numa hora crucial de transformações políticas no País, trazido, por isso, pela direção-proprietária, a fim de ditar novos rumos de orientação ao portavoz da opinião pública e que a sua capacidade profissional lhe facultava adquirida em outros órgãos de imprensa daqui e de fóra.

A MOACIR CHAGAS, igualmente redator-chefe, que se inspirava, nos seus diários editoriais, dentro das linhas de independência do "Correio", também numa ocasião em que a Política feria, a exigir da imprensa pronunciamentos, embora comedidos. Deixou-nos para dirigir "A Tribuna", na cidade de Santos, onde veio a falecer.

E a PEDRO PENTEADO, pertencente à equipe diretiva inicial da Sociedade Anônima, muito oferecendo de si ao importante setor administrativo da organização, tanto que, em obediência às suas atividades, sucumbiu num desastre automobilístico, de maneira a emocionar os seus companheiros de casa, como a sociedade campineira.

DO BATENTE DA REDAÇÃO

Colegas de sala dos trabalhos redacionais merecem a evocação de sincera e respeitosa saudade, antecessores que foram da nossa faina, às vezes bem amarga.

No número 1 do "Correio Popular" se destacam desde logo: JAIR PINTO DE MOURA, mais tarde formando-se em Direito e exercendo a profissão de Advogado, na cidade de Poços de Caldas, onde a Morte foi colhe-lo, há poucos anos, e o PROF. RODOLFO NORONHA, no período diurno lecionando no extinto Colégio Ateneu Paulista, e, à noite, funcionando na redação e escrevendo os seus "Comentários". Ambos eram do "Correio" antes de surgir pelas ruas de Campinas, ajudaram a confecção do primeiro número, nos poucos dias que antecederam ao seu lançamento.

Responderam pela Secretaria da Redação e, dado o árduo mistério que desempenharam, impõem-se as suas memórias à nossa veneração, nesta oportunidade, BENEDITO FERRAZ BUENO, o "Ditão" da intimidade, procedente da depois empastelada "Gazeta de Campinas" e cuja proficiência profissional e boníssimo coração o fizeram estimadíssimo no longo período a que se dedicou ao "Correio" e JACOB NETO, seu substituto no cargo, mavioso poeta e autor de "Gotas de Carvalho", ex-seminarista e, por isso, com inclinações para crônicas religiosas, falecido há dois anos na Capital, depois de ser diretor-proprietário do

"Jornal de Tupã" e de diversas revistas paulistanas.

Avulta na nossa recordação a figura de JOSÉ GONÇALVES MACHADO, o "Mãosinha" como todos o chamavam e apelido que aceitava como partindo da amizade. Sua pena, embebida no mais puro idealismo, sempre vibrante e sua bossa de verdadeiro jornalista deram às nossas colunas o brilho de uma legítima personalidade, posta a serviço das boas causas. Com pesar dêle e dos seus companheiros, deixou a redação do "Correio" para secretariar o "Diário de São Paulo" e, posteriormente, o "O Estado de São Paulo", em cujas funções morreu licenciado, em Itatiba, berço natal, numa circunstância altamente significativa após discursar, em banquete ao Secretário da Saúde, a favor da Sociedade São Vicente de Paula, que carecia do apoio financeiro oficial.

BENEDITO CAVALCANTE PINTO profissional na acepção da palavra, fala, ainda, à nossa saudade, como antigo colega de mesa de redação, tendo desempenhado, embora efemeramente, a sua chefia, não obstante haja ingressado como Revisor. De reconhecido tirocinio jornalístico, ardente nos seus escritos, foi um vulto que passou pelo "Correio Popular" esplendendo fulgores e cimentando sentimentos de admiração.

Como homens de redação, transitaram ao nosso redor, no passado, e comungaram, plenamente, nos nossos trabalhos, perdurando como sombras vivas na mente saudosa dos que continuam na mesma trajetória: o repórter CORNÉLIO EDERALDO SILVA da fase primeira deste jornal e que deu, pois, a sua colaboração ao Número 1; JOSÉ DA SILVA ROSO, intima e popularmente chamado de "Bingo", que por muito tempo se incumbiu da seção social e se transferiu para São Paulo, vindo a morrer como Diretor Artístico da Rádio "A Gazeta"; MÁRIO GIOVANNI, estendendo suas tarefas redacionais, por inclinação natural, à crônica cinematográfica, na qual se especializou, depois, através das colunas de "A Noite", da capital, até falecer.

AUXILIARES DA ADMINISTRAÇÃO

Devem voltar as nossas homenagens de saudade e de recordação a três outros mortos que muito cooperaram com o "Correio" no setor de administração e que não podiam ser olvidados: FELIZARDO DA SILVA GODINHO, trazido pelas mãos de Alvaro Ribeiro, participou do primeiro número, e não obstante lidando com dinheiro e cifrões, teve aso para lançar um livro de versos "Ribas Baldias"; MANOEL LEBRE, o primeiro cobrador e angariador de anúncios, também encaminhado por Alvaro Ribeiro e que funcionou, por muito tempo, nessas atribuições, vindo a colaborar ainda com José de Oliveira Santos, quando este à frente da organização administrativa; MILITÃO SIQUEIRA, procedente do Colégio Ateneu Paulista e onde exercia funções acumuladas.

DA PARTE ESPORTIVA

Dos que partiram para a Eternidade e alimentaram a seção de esportes desta fo-

lha, aliás bastante lida e devorada por milhares de leitores, figuram nomes que precisam ser evocados, neste instante de saudosas recordações.

Desponta à lembrança, como um dos primeiros no tempo, o de PAULO ALVARES LOBO, que, a pedido de Alvaro Ribeiro, se encarregou do Turf, a partir do primeiro número e comparecia, assiduamente, à redação para a entrega dos originais, que já portava feitos. De FERDINANDO PANATTONI, um mestre na especialidade jornalística, havendo até agora cronistas esportivos que se orgulham de terem sido seus discípulos, e que, mais tarde, assumiu a direção da Sucursal de "A Gazeta" em Campinas, em cujo posto se viu arrebatado pela Morte. De OSWALDO NUZZI, bem moço, mas criterioso e capaz, que com pouco mais de 20 anos, teve a sua vida ceifada pelo duro Destino.

De JOSÉ DE SOUZA PINTO, outro jovem, dileto filho do prof. Norberto de Souza Pinto, chorando ainda agora a sua perda, que demandou para o Rio de Janeiro e ali se formou em Medicina Veterinária, carreira abraçada no pouco tempo que lhe restou.

De CARLOS LOPES, que soube imprimir à crônica esportiva do "Correio Popular" a vivacidade imposta pela sua direção, inclusive na promoção de certames.

CLÁROS ABERTOS NA REVISÃO

Revisores das primeiras edições deste jornal, também, rumaram para o Além e suas personalidades devem resplandecer no registro de memórias do 40.º aniversário.

Foram eles: o já então encanecido ALÍPIO MOURA, antigo possuidor de um órgão de imprensa em Pinhal, melhormente, na época, Espírito Santo do Pinhal, amigo e conviva do abolicionista histórico Luiz Gama, sobre o qual pensava em escrever um livro, conforme dizia, idéia que, apenas, permaneceu nos seus desejos; e JOSÉ FERREIRA BAIÃO, jornalista português, formado em Agronomia e que, por isso, editava as páginas agrícolas do "Correio", nascida com o primeiro número, e, depois, embelezou os jardins campineiros, contratado pelo prefeito Orosimbo Maia, que muito o admirava.

Igualmente, no quadro da Revisão, trabalharam JOAQUIM VIEGAS, um veterano do jornalismo e gráfico dos mais competentes, daí ter militado, também, como tipógrafo e bom artista nesse ramo profissional; OSWALDO MARQUES DE OLIVEIRA, que às funções de ferroviário da Mogiana juntou, por muito tempo, as de revisor do "Correio".

EQUIPE DE COLABORADORES

Grupo de colaboradores, logicamente, teve o nosso órgão e que enriqueceram as suas colunas e, desde o primeiro número, sob o pseudônimo de "Simplicio Só", depara-se-nos JOAQUIM IGNÁCIO DE LACERDA WERNECK, o velho homem de imprensa, fundador e diretor do vespertino campineiro "O Farol". Com ele, já fizeram a derradeira marcha para o Incognoscível, outros que colaboraram e não fugiram à nossa recordação.

Um JOAO RIBAS D'AVILA, por algum tempo, também militando na Revisão, tarimbello jornalista e que exprou como diretor de um jornal em Piedade, por êle fundado.

Um JOSE' DIAS LEME, o bondoso "Juca Gargalhada", que teve por sua conta a secção de Arte, mantendo o pseudônimo, que se faz conhecido, de J. Amaro.

Um D. JOSE' PAULO DA CÂMARA, frequentador assíduo da redação e que largava modestamente os seus trabalhos, em sua maioria de alta finura poética, como se lhe fizessem um obséquio com a publicação e, depois, pagava um "cafézinho" aos redatores.

Um COSME PELEGRINI, recentemente falecido, remetedor de versos magníficos que abriam, em determinada época a secção de aniversários, nascimentos e casamentos.

E' possível que tenham havido outros, mas, anonimamente, a homenagem lhes é prestada.

PESSOAL DAS OFICINAS E UM FOTOGRAFO

Neste retrospecto de imagens que o pretérito faz despertar,

a intenção proposta jamais seria completa senão rememorássemos os mortos de nossas oficinas, que contribuíram, poderosamente, para a vida triunfante deste órgão de imprensa.

Por justiça, portanto, seus nomes ficarão aqui consignados, alvos do mesmo preito evocatório, sugerido pelos 40 anos de luta, empenhada por muitos.

Assim, o do primeiro chefe das oficinas, SEBASTIÃO SAMPAIO, de cuja capacidade profissional dependeu o "Correio" nos primeiros números. O do primeiro chefe da Imprensa, ANTONIO AUGUSTO, um exemplo de trabalho e assiduidade, sem uma falta no serviço durante dilatados anos. O do seu auxiliar, naquele período nascente, ANTONIO CARVALHO, como êle, de origem lusitana, de esforço e dedicação ímpares. O do primeiro encarregado da mecânica ANTONIO GIUSTI, sob cujos cuidados estavam as primeiras, também, linotipos instaladas no Interior do Estado.

O dos linotipistas FELICIANO SANTOS e BENJAMIN MALTA, autores das composi-

ções iniciais do jornal, SEBASTIÃO MALANTRUCCO e ALVARO COELHO, que por muitos anos trabalharam nesta folha, para depois, se dirigirem a outros centros de atividades e nos quais deixaram de existir, embora querendo bem a Campinas, sempre visitada.

O dos tipógrafos JERÔNIMO SEBASTIÃO DA SILVA, protótipo do esforço humano, graças ao qual se graduou em curso superior de Economia, e WALTER SCHULTZ, que procurava se esmerar, igualmente, como Paginador. O do operário da Fundação FRANCISCO DO CARMO, antigo nesse espinhoso e sacrificado mistér.

A memória de todos e de algum que tenha ficado esquecido, do setor das nossas oficinas, a homenagem que não podia faltar.

Cabe, ainda, evocar a figura de THOMAZ PEREIRA, o fotógrafo, bom como artista na sua especialidade e bom como cidadão, cujo trespasse consternou seus companheiros, porque viu a sua vida tirada ainda bem moço para ela.

ENTREGADORES DO "CORREIO"

Finalmente, para concluir a série de citações, que vale pelo mais expressivo tributo de saudade, focalizamos a nossa lembrança aos modestos mourejadores da imprensa, aqueles que levam, diariamente, o exemplar à ciência dos leitores.

Houve os seus mortos e que passam a viver nestas últimas linhas.

Ei-los, com a nossa sentida reverência: MANOEL SAN-SANA, DIAMANTE VENDITTI, MANOEL THOMAZ, SIDNEY MACEDO, JOAO PINTO, NICOLA FRANÇA, JOAQUIM FERREIRA LEITÃO, ARISTIDES DA SILVA, ANGELO PAGANELLI, vários deles entregaram o número um.

Para fechar, mais um nome, o do remessista SEBASTIÃO BUENO, que, durante muitos anos, depositou e distribuiu exemplares do "Correio Popular" aos entregadores e que morreu merecedor do respeito de sua direção e colegas.

José de Oliveira Santos



Passam os anos sobre nós. Passam as formas em sua natureza transitória.

Só as formas, porém, é que passam. Aquêles, entretanto, que realmente tenham estado conosco, que tenham sido nossos, que fremiram e sofreram, que viveram ao nosso lado, — êses não passam. Passarão para outros, que os não tiverem conhecido. Para nós, não. Continuam na viva essência do que foram.

Cada ano do «Correio Popular» está presente José de Oliveira Santos.

Saudoso. Não é adjetivo apenas. Saudoso mesmo.

Porque José de Oliveira Santos se fêz vivo e prestigioso entre nós.

Vivo e prestigioso por causa daquela sua maneira de ser, espontânea, clara e natural.

Um homem do «Correio Popular», das oficinas à redação, vivendo o espírito e, até, muitas vêzes, os problemas de cada um. Experiante dos homens, arguto na avaliação das situações, irônico por índole e convicção, foi artífice dos mais eminentes daquilo que é hoje o «Correio Popular».

Não passou, portanto. Dêle permanece conosco a essência de trabalho e de bondade, o impulso e o espírito que possuiu.

Dr. Sousa Ribeiro

O doutor Sousa Ribeiro era o homem das muitas leituras e dos muitos escritos. Ledor e escritor. Convicções firmes e confirmadas. Polêmico. Defensor de idéias e princípios. Jornalista.

No «Correio Popular», além de seus escritos de colaborador permanente, sua presença era também, entretanto, por causa de outra leitura e de outro escrito.

A leitura era aquela que sabia ir fazendo da personalidade de cada um: coração dêste, tendências daquele, a humana compreensão de todos, e aquela complacência que caracteriza todos quantos se apercebem da condição humana, seja nas grandezas, seja nas sombras, — um homem sentado, fraterno, com outros homens.



Depois, ia escrevendo dentro dos interlocutores.

Escrevendo, sem diso se aperceber, o perfil de sua própria pessoa na estima de todos.

Humano, compreensivo, irradiante daquelas qualidades que possuía, comunicando-se com todos em vibração positiva, — ficou com todos que o conheceram, e neste sentido é que permanece na história do «Correio Popular».